



A PRESENÇA FEMININA NA DITADURA MILITAR NO BRASIL

Rosália Rodrigues de Sousa¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: rosaliarodrigues01historia@gmail.com

Larissa Otília Martins de Santana²

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: larissaotilia@gmail.com

Jair Rodrigues de Melo³

E-mail: contatojairrodrigues@gmail.com

Universidade Regional do Cariri-URCA

Este presente artigo tem por objetivo apresentar a presença da mulher durante a Ditadura Militar no Brasil, período no qual o país esteve concentrado numa conjuntura governamental demasiadamente repressiva e antidemocrática. Seguindo essa lógica pretende-se demonstrar como a mulher era vista pela sociedade, nesse caso será também uma análise de como é ser do sexo feminino em meio uma sociedade machista e de certa forma marcada pela misoginia. Partindo do pressuposto de que a mulher sofre com a exclusão e menosprezo a muito tempo, e que o machismo já estava consolidado no Brasil antes mesmo do Regime Militar. Além disso explanamos como a mulher que era oprimida, conseguiu ter uma presença marcante, ao mesmo tempo que era ofuscada nos registros e na mídia, e de como ela resistiu a Ditadura, aos preconceitos, ao machismo e as imposições e ainda resisti as tentativas de exclusão da sua figura na sociedade contemporânea. Deste modo levaremos em consideração os aspectos que condicionaram as mesmas a participarem desse movimento, uma vez que relembramos anterior àquela época, na Europa nos anos de 1960, vários movimentos de contestação tomara as ruas em prol de um sentimento de libertação das desigualdades imposta por uma cultura extremamente machista e singular direcionada a figura masculina que surge no cenário

¹ Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

² Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

³ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco com pesquisa na fronteira entre Psicologia e Religião e Mestre em Ciências da Religião (área bíblica) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Psicólogo com atuação na área clínica com abordagem em Análise do Comportamento, professor de História e Psicologia da Universidade Regional do Cariri (URCA) e professor de Bíblia no Seminário São José da diocese de Crato. Membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB). Ênfase nos temas: Psicologia da Religião, Análise do Comportamento, História e Literatura, Hermenêutica e exegese bíblica e Línguas Bíblicas.



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

mundial como o movimento feminista que intenta uma equidade de gênero, pois nessa época havia extrema divisão padronizada entre pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino. Esse movimento chega ao Brasil nesse mesmo período em meados da década 60 e 70, vai de encontro a um cenário político e social bem dispare com os seus ideais, e além do mais que é marcado pela censura, autoritarismo e também a submissão feminina, então pode-se inferir que as mulheres que eram feministas além de lutarem pela igualdade de gênero, tinham que lutar pela volta do regime democrático. É importante frisar que as mulheres que estavam em grupos contrários ao governo, eram masculinizadas, e segundo Susel de Oliveira, “as mulheres encarnavam um papel duplamente transgressor: transgrediam enquanto agente político ao se insurgirem contra a ditadura e também transgrediam ao romper com os padrões tradicionais de gênero”. Ademais é importante salientar que em meio a esse contexto desigual, surge uma inquietação nas mulheres, que visavam primeiramente a volta da democracia, devido ao fato de que o ideal dos grupos que resistiam nesse momento eram as questões políticas, e também vale ressaltar que a figura feminina nesses grupos era desqualificada, pois naquela época a mulher era para ficar apenas no seu lar, cuidando da sua família e não em locais públicos, à frente de movimentos contrários a ordem estabelecida. As ferramentas que utilizamos para o desenvolvimento desse trabalho foram coletas de dados, volta-se para pesquisas bibliográfica e documental, sendo a natureza da pesquisa qualitativa. Pretende-se por meio desse trabalho acender o papel daquelas que lutaram por os seus direitos de participação nas questões políticas, econômicas e sociais, justificando, também, o caráter do cenário histórico da época em que tais protagonista atuaram, e instigar a discussão de gênero que é primordial para sociedade brasileira que sempre foi marcada pelo patriarcalismo e exaltação da figura masculina, para que haja uma problematização em relação a isso e também ao papel que se dá a mulher na história que na maioria das vezes encontra-se como coadjuvante mesmo que tenha participado efetivamente. Doravante ansiar-se pela a disseminação de debates como esse à mercê da ativa feminilidade na luta por os seus direitos e anseios dentro da sociedade, fornecendo, portanto, combustível no combate às discriminações de gênero para que não caia em mero esquecimento como é comum, ou que seja silenciado por forças antagônicas.

PALAVRAS - CHAVES: Ditadura militar no Brasil. Movimento Feminista. Gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLING, Ana Maria, **As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil**. VIII Congresso Luso- Afro- Brasileiro de Ciências Sociais Coimbra.2004

RAGO, Margareth. **Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global**.

labrys, estudos feministas, número 3.

RIDENTI, Marcelo Siqueira, **As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo**.

Tempo social, Rev Sociol. USP, São Paulo, 1990.



SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Feminismo radical – pensamento e movimento**. Revista Travessias –Educação, Cultura, Linguagem e Arte, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em:Acesso em: 30 de setembro de 2017.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres ditaduras e memórias**. Editora Intermeios. 2013.